



Dona Maria de Edísio nasceu no interior de uma família muito pobre no Rio Grande do Norte. Muito cedo, uma fatalidade os obrigou afastar-se de seu pai. Como filha mais velha, dona Maria se viu na obrigação de assumir junto com sua mãe o sustento de sua família. A fim de garantir dias melhores para os irmãos mais novos, mudaram-se muito. Foram para o Maranhão onde dona Maria chegou a quebrar coco para fazer a feira para a mãe e para os irmãos. Cansados da luta, resolveram mudar-se para Casserengue, no Curimataú de Solânea, onde morava a avó materna de dona Maria. Mas os dias ainda continuavam pesados para ela e para sua mãe. Passaram a plantar de meia e puxar agave para garantir a comida na mesa para os irmãos mais novos.

Foi em Casserengue que dona Maria conheceu seu Edísio. Casaram-se e os primeiros anos de vida juntos também foram marcados pela dificuldade, pelo trabalho duro. Seu Edísio era morador na fazenda de Bila Joca, quem ainda mantém respeito em sua memória. No dia em que se casaram, mudaram-se para uma casa muito simples, na época ainda de taipa. Tinham como patrimônio apenas a cama, dois tamboretas e os utensílios de casa comprados com capricho para o enxoval de dona Maria.

No início do casamento, seu Edísio era marchante, vendia e comprava bodes e era também carreiro do patrão. Seu Edísio conta que juntos plantavam e colhiam o algodão. Quem se ocupava do roçado era dona Maria. No começo, plantava feijão estendedor, achava ótimo, mas os invernos foram se afracando, conta dona Maria. Passou a plantar e selecionar sementes de feijão meia moita. As sementes que eu via que dava certo para mim, sempre guardava. Nessa época, plantavam tudo consorciado, junto com o algodão mocó, plantavam o milho, a fava e o feijão estendedor que subia nos pés de algodão. Todo o plantio do algodão era então dividido com o Bila Joca. Mas os produtos do roçado eram todos da família. Todos os legumes produzidos eram para o consumo da casa e o algodão era vendido para comprar roupa, sapato, livros, animais ou para tratar alguma doença.

Aconselhados pela ANCAR, empresa governamental de extensão da época, deixaram de plantar consorciado, assim aumentariam a produtividade, era a promessa dos técnicos. Viveram anos mais difíceis, a praga passou a atacar as plantações e o algodão deixou de ser um produto de renda. Toda a comunidade passou a derrubar mais a vegetação para aumentar as áreas de roçado, plantar agave ou fazer carvão. Acreditam que junto com a degradação do ambiente, aumentou também a dificuldade das famílias em viver no Curimataú.

Em consequência dos bons negócios como marchante e também do algodão, seu Edísio foi capaz de acumular recursos e formar seu patrimônio. Aos poucos, foram comprando as terras dos herdeiros de seu antigo patrão. Nos 40 hectares de terra, hoje moram o casal e as famílias de seus dois filhos.

Dona Maria recorda-se que, desde 1972, vem guardando as sementes que vem pesquisando. Com uma lista de critérios bastante apurada, dona Maria vem separando ao longo dos anos aquelas qualidades que dão mais, que são mais



Informativo da Agricultura Familiar

Estoque familiar: a experiência da família de dona Maria e seu Edísio



rendosa, que são vendável e as mais saborosas.

Todos os anos, separa as suas sementes e as coloca para secar ao sol. Depois que elas estiverem bem secas e frias, dona Maria coloca em seus garrafões ou em silos de 10 ou 20 quilos, construídos por seu filho, Toinho, especialmente para armazenar suas sementes. Mas antes de guardar, dona Maria mistura suas sementes com as cinzas da fogueira de São João. Distribui as sementes nos recipientes e para bem vedar, faz uma lama, como chama, da cinza com água e coloca uma camada na tampa do recipiente. Quando seca, essa lama transforma-se em um torrão que irá vedar com eficiência seus silos. Garante que, em todos esses anos, nunca perdeu suas sementes com orgulho.

Na época em que chega o inverno, divide suas sementes com seus filhos e vizinhos. Se eu perder, meus vizinhos podem ainda ter. Não quero as sementes só para mim. Quero para mim, para meus filhos e vizinhos, conta dona Maria. Quando o inverno é ruim e as sementes estão mais limitadas, eu dou limitado, mas quando dá mais, eu distribuo bastante.

Dona Maria ainda tem algumas estratégias para nunca perder suas sementes.

Em 2002 mesmo, eles encheram o roçado de milho e feijão, mas o inverno foi muito fraco. Dona Maria conta que para não perder as sementes, a família não comeu o feijão e o milho verde, alimento bastante apreciado na região. Esperaram secar para poder colher e separar as sementes e só comeram o que sobrou.

O feijão macassa cariri e o camaupu, o mulatinho da vagem roxa, o carioca e o milho 60 dias são sementes que ela preserva há anos. Acredita ser importante guardar as sementes todos os anos por ter a garantia do que está plantando. Se comprar na feira, o agricultor dificilmente terá a certeza de sua qualidade e é arriscado até não nascer. Guardando as sementes em casa, tem o conhecimento do tempo, o que dá a segurança na germinação. Com a semente em casa, na hora que chove o agricultor pode plantar, porque no Curimataú para lucrar o agricultor tem que plantar no rastro da chuva. Dona Maria ainda conta que guardando a semente em casa, tem-se certeza de que aquela semente é bem adaptada ao seu setor e, com isso, guarda também todo o conhecimento sobre tempo de germinação, de produção, de colheita, toda sabedoria vinda dos seus anos de observação.

Dona Maria procura passar suas experiências para seus filhos e Toinho de Edísio já é grande divulgador de seus conhecimentos. Já viajou dentro Brasil e até mesmo para o exterior, divulgando essa e outras experiências de sua família.

